

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL  
PLAGEDER**

**EDSON MONTICELLI**

**PRODUÇÃO ARTESANAL DE VINHO  
EM CARAÁ: SITUAÇÃO ATUAL E SUAS PERSPECTIVAS**

**Santo Antônio da Patrulha  
2011**

**EDSON MONTICELLI**

**PRODUÇÃO ARTESANAL DE VINHO  
EM CARAÁ: SITUAÇÃO ATUAL E SUAS PERSPECTIVAS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel

Coorientador: Tutor Camila Vieira da Silva

**Santo Antônio da Patrulha  
2011**

**EDSON MONTICELLI**

**PRODUÇÃO ARTESANAL DE VINHO  
EM CARAÁ: SITUAÇÃO ATUAL E SUAS PERSPECTIVAS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Santo Antônio da Patrulha, 27 de junho de 2011.

---

Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel - Orientador  
UFRGS

---

Prof. Leonardo Alvim Beroldt da Silva  
UFRGS

---

Profa. Camila Vieira da Silva  
UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Sinto-me um pouco acanhado para compor agradecimentos. Não por lembrar de pessoas, muitas das quais grandes amigas e que merecem ser reconhecidas pela preciosa ajuda prestada, mas por cometer o lastimável equívoco de esquecer de membros sempre presentes e que, direta ou indiretamente, contribuíram de uma forma ou outra e acabam por deixar as suas impressões, mesmo que muitas vezes imperceptíveis.

De qualquer forma, devo agradecer a Deus por ter me iluminado e me dado força para nunca desistir. Não poderia jamais esquecer de pessoas importantes que participaram ativamente desta minha trajetória. Primeiramente minha esposa que incansavelmente contribuiu muito desde o início dos planos até a etapa final desta caminhada. Aos importantes colegas personagens de ampla convivência que se transformou num laço de grande amizade. Infelizmente este laço não se estendeu entre todos os colegas por motivos específicos da EAD. Devo mencionar também nossas tutoras presenciais incansáveis e prestativas que muito colaboraram para este momento, Teresinha Oliveira e Sonia Dalmar. Aos demais colegas pelas grandes contribuições e mesmo as singelas, mas que sempre fazem a diferença em certas horas.

Não posso esquecer também de agradecer esta oportunidade que nos possibilitou uma graduação gratuita oferecida por esta instituição. Aos grandes professores que mesmo distantes estiveram presentes nos fornecendo o conteúdo disciplinar e também aos tutores à distancia pela atenção e apoio. Mesmo que sem citar nomes ambos foram extremamente importantes nesta jornada. Ao Pólo Universitário Santo Antônio e sua coordenação também incansável e inesgotável de esforços para apoio e auxílio total para conosco.

## RESUMO

É através do vislumbre das intensas transformações do mercado, cada vez mais globalizado, que este trabalho está centrado. Mais especificamente aborda produtores familiares rurais que, como na grande maioria das sociedades, suportam influências negativas provindas do processo de industrialização da agricultura. Presume caracterizar um mercado específico característico da cultura de uma etnia saliente no contexto local calcados na abrangência deste trabalho. Envolve a produção artesanal de vinho, atividade importante e tradicional para a grande maioria dos colonizadores italianos estabelecidos na região. Considerou-se dois produtores por desenvolverem a atividade por décadas, de forma artesanal e pelas dificuldades que os produtores enfrentam. Além de caracterizar estes produtores rurais pretende-se observar sua inserção no mercado e suas perspectivas futuras. Como estratégia metodológica ponderou-se o estudo empírico como melhor procedimento para a realização deste trabalho. Para desenvolver o trabalho utilizou-se pesquisa de campo e referenciais teóricos, artigos publicados em anais, revistas científicas e cadastros referentes ao vinho em sites estaduais e federais. O desenvolvimento do trabalho apontou para possibilidades positivas no mercado de vinho artesanal. A interferência maior ficou por conta principalmente dos limitantes que permeiam as questões relacionadas à organização social, gestão institucional interna, adequação as normas legais vigentes e carência de auxílio técnico especializado. No contexto atual, ficam mais expressivos aspectos como maior competitividade com os produtos industrializados, fatores climáticos e problemas com a qualidade do produto final por conta da influência dos fatores climáticos sobre as videiras.

**Palavras-chave:** Vitivinicultura. Produção Artesanal. Agricultura Familiar, Caraá, RS.

## **ABSTRACT**

It is through the glimpse of the intense transformations of the market, more and more globalization, that this work is centered. More specifically it approaches rural family producers that, as in the great majority of the societies, they support influences negative arrival of the process of industrialization of the agriculture. It is supposed to characterize a characteristic specific market of the culture of a salient ethnia in the local context stepped on in the inclusion of this work. It involves the craft production of wine, important and traditional activity for the Italian settlers' great majority established in the area it was considered two producers for they develop the activity per decades, in a craft way and for the difficulties that the producers face. Besides characterizing these rural producers it intends to observe it is insert in the market and their future perspectives. As methodological strategy one considered the case study as better procedure for the accomplishment of this work. To develop the work it was used researches of field and theoretical referenciais, goods published in annals, scientific magazines and registers regarding the wine in state and federal sites. The development of the work appeared for positive possibilities in the market of craft wine. The larger interference was for bill mainly of the limitantes that they permeate the subjects related to the social organization, institutional administration interns, adaptation the effective legal norms and lack of specialized technical aid. In the current context they are more expressive aspects as larger competitiveness with the industrialized products, climatic factors and problems with the quality of the final product due to the influence of the climatic factors on the grapevines.

**Keywords:** Viticulture, Craft Production, Family Agriculture, Caraá, RS

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

<b>Figura 1.</b> Períodos evolutivos da vitivinicultura brasileira .....	15
<b>Figura 2.</b> Localização do Município de Caraá no RS.....	32
<b>Tabela 1.</b> Produção de uvas no Brasil em toneladas .....	18
<b>Tabela 2.</b> Produção de uvas para processamento e consumo in natura no Brasil em toneladas .....	19
<b>Tabela 3.</b> Produção de vinhos, sucos e derivados do RS em litros .....	19
<b>Tabela 4.</b> Comercialização de vinhos e de suco de uva provenientes do RS em litros.....	20

## **LISTA DE ABREVIações E SIGLAS**

CNA – Confederação Nacional da Agricultura

EMATER/RS-ASCAR – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural –  
Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural.

FAO - Food and Agriculture Organization, Organização das Nações Unidas

FARSUL – Federação da agricultura do Estado do Rio Grande do Sul

GLP – Gás Liquefeito de Petróleo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEA – Instituto de Economia Agrícola

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PEP – Prêmio de Escoamento da Produção do Governo Federal

RS – Rio Grande do Sul

RV – Revolução Verde

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais

UPA – Unidade de Produção Agrícola

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 PROBLEMA</b> .....	13
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	14
2.1 PANORAMA GERAL DA PRODUÇÃO DE VINHO.....	14
2.2 O MERCADO VITIVINÍCOLA NA PERSPECTIVA NACIONAL.....	17
2.3 ASPECTOS INSTITUCIONAIS E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....	20
2.4 LIMITANTES E ENTRAVES DA AGRICULTURA FAMILIAR.....	24
2.5 PERSPECTIVAS PARA UM NOVO RURAL.....	27
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	29
3.1 DEFINIÇÃO DOS PRODUTORES ESCOLHIDOS.....	29
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	31
3.3 ESCOLHA E APLICAÇÃO DA METODOLOGIA.....	33
<b>4 RESULTADOS</b> .....	34
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PRODUTORES.....	35
4.1.1 CARACTERÍSTICAS PARTICULARES DO PRODUTOR A.....	36
4.1.2 CARACTERÍSTICAS DISTINTAS DO PRODUTOR B.....	37
4.2 O MERCADO DO VINHO ARTESANAL.....	39
4.3 LIMITANTES E PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO DO VINHO ARTESANAL LOCAL.....	41
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45
<b>APÊNDICE</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

As origens do cultivo da videira no Brasil remontam, segundo os registros históricos, ao século XVI. Entretanto, como atividade significativa do ponto de vista econômico, a vitivinicultura origina-se com a colonização italiana no Rio Grande do Sul (RS), a partir de 1875. No início a produção era rudimentar e destinada ao consumo da família, posteriormente abrangeu o mercado regional, expandindo-se gradativamente até atingir o mercado nacional (FARIAS, [s.d]).

No Brasil, o setor vitivinícola se concentra em uma região relativamente pequena do RS, com potencial para constituir um arranjo produtivo local. O mercado de vinho pode ser caracterizado pela grande complexidade, entre outros motivos, da grande diversidade dos tipos de vinho e da multiplicidade das legislações nacionais a respeito. A vitivinicultura brasileira num contexto geral passou por grandes transformações nos últimos anos devido, principalmente, à entrada de vinhos importados nos mercados e às mudanças muito acentuadas na preferência dos consumidores (ROSA; SIMÕES, 2004).

Na questão da produção de vinhos artesanais ou coloniais, inicialmente destinada para o consumo das famílias, convive atualmente com o mercado de vinhos finos, produzidos em escala industrial a partir de processos modernos. (SOUZA *et al.* 2010). É justamente pela confusão e desentendimento do sentido das palavras técnica e tecnologia que a moderna vitivinicultura tem sido direcionada, quase que exclusivamente, para um mesmo caminho: padronização e produção em escala.

A elaboração de vinhos artesanais não deve ser entendida “simplesmente” como uma linha de produção de certos artigos modernos fabricados em série, como cerveja ou automóveis. Existem diferentes maneiras para elaborar vinhos a partir de técnicas distintas, ou decisões distintas para o mesmo estágio de produção. Fatores que podemos perfeitamente destacar como o monopólio econômico, a união e o controle de grandes grupos que melhor diluem custos e investimentos, o esquecimento de tradições culturais passadas de geração para geração e a propagação mundial de técnicas e tecnologia modernas está levando a uma padronização da produção em todo planeta.

Geralmente o vinho artesanal é um produto oriundo da agricultura de base familiar. Elaborado a partir de técnicas e conhecimentos tradicionais herdados das gerações passadas. A atividade de produzir vinho é uma cultura mantida desde os primeiros descendentes de italianos estabelecidos no Brasil até os últimos sucessores atuais como é o caso do município de Caraá, região de estudo deste trabalho. Considera-se que o campesinato apresenta uma cultura própria, que se refere a uma tradição, inspiradora, entre outras, das regras de parentesco, de herança e das formas de vida local (WANDERLEY, 1996). E, esta forma de vivência é percebida na grande maioria dos produtores rurais do município de Caraá. O desenvolvimento da produção do vinho artesanal, no contexto do município de Caraá - RS conta com a influência da cultura italiana predominante em algumas comunidades, de seus costumes e conhecimentos técnicos tradicionais sobre o trato das videiras e do trabalho realizado em família. O produto natural, distinto e com sabor diferenciado devido particularmente ao local e a forma de produção, ainda aliado com o manejo a partir de técnicas mantidas por gerações consolidou um mercado característico conhecido por uma pequena parcela de consumidores. O mercado originou-se primeiramente por consumidores locais e posteriormente por recomendações assim como em outros mercados atualmente mais renomados. O produto passou a ser apreciado por consumidores locais especialmente, mas também ganhou pequenas proporções regionais, principalmente na região Metropolitana de Porto Alegre e Litorânea do RS.

Dessa forma, a partir do estudo da produção artesanal de vinhos por agricultores familiares do município de Caraá, este trabalho busca responder a seguinte questão: qual a situação atual e quais as perspectivas da produção de vinho de forma artesanal no município de Caraá?

Para responder tal questão, busca-se identificar possíveis limitantes e perspectivas com relação à produção artesanal de vinho realizado por agricultores familiares do município de Caraá. Como desdobramento deste objetivo, o trabalho visa caracterizar e descrever os agricultores familiares produtores de vinho; avaliar a situação socioeconômica e a inserção destes agricultores no mercado.

Sabe-se que as grandes mudanças decorrentes da Revolução Verde (RV) afetaram, de forma negativa, muitos mercados e economias locais. As mudanças

decorrentes da RV contribuíram para marginalizar atividades com características familiares e com uma pequena escala de produção. Esta modernização alavancada pelo Estado, numa aliança com grandes produtores e as indústrias ligadas a agricultura, marginalizou muitos agricultores familiares rurais, independente da atividade agrícola praticada (MENEGETTI, [s.d.]).

Esta nova lógica configurou um mercado mais exigente contestando, muitas vezes, a forma de produzir, o manejo empregado, técnicas, até mesmo a quantidade produzida tornou-se empecilho na comercialização, entre outros detalhes. Estas exigências levaram a grande maioria dos produtos disponíveis no mercado a seguir um padrão com normas e requisições delimitadas.

O fato principal neste cenário é a heterogeneidade com que os produtores alcançaram sua legalização. Uma vez sabendo que a desigualdade social é fator intrínseco para adaptação as novas exigências do mercado. A informalidade de muitos produtores surge como conseqüência deste mercado. Ainda que não sejam dados concretos ou tabulados, apenas informação conhecida entre os produtores de vinho, Caraá possui cerca de doze produtores que comercializam vinho. Geralmente a forma sobre saliente de comercialização ainda é diretamente ao consumidor. Destes, apenas três estão de acordo com as normas vigentes para comercialização do produto. O primeiro a adequar-se obteve sua liberação há apenas dois anos. Podemos perceber que o índice de produtores que permanecem na informalidade no município atinge 75% do total. Mas, esta realidade começa a transformar-se, pois os agricultores têm consciência de que a legalização de uns pode se transformar em mais um fator de risco para sua atividade.

Mesmo com as dificuldades que estes agricultores viticultores enfrentam em sua atividade, principalmente as de caráter artesanal e, nos anima a refletir como a atividade vem se mantendo ao longo dos tempos e quais as perspectivas futuras para esta atividade.

A produção artesanal, especialmente exemplos como os citados neste trabalho, pouco representa em termos de participação ou composição da economia municipal. Mas, a exemplo de outras regiões como a Serra Gaúcha, a arte da produção de forma artesanal apresenta potencial que pode se transformar em um determinado período num setor de destaque no município. Tanto que após décadas

de produção informal atualmente alguns produtores locais estão procurando se adequar à legislação vigente visando alocar sua produção em mercados mais consistentes. É esta nova perspectiva de adequamento às normas que nos motiva a avaliar os produtores que estão mais a margem do mercado vinícola. Perceber os possíveis potenciais da produção artesanal se constitui estímulo para caracterizar e avaliar o contexto local no intuito de alcançar explicações que possam fornecer respostas acerca da produção artesanal de vinho, dos entraves e de suas perspectivas mercadológicas futuras.

Assim, a abordagem deste tema inspira o interesse principal de tentar caracterizar o mercado da produção artesanal de vinho local pertencente a uma comunidade do município de Caraá na tentativa de explicar a situação atual e as perspectivas da produção de vinho artesanal em Caraá.

Para melhor compreensão, o presente trabalho está dividido em 4 capítulos apresentando a seguinte seqüência: o capítulo 1 é constituído da coleta do material teórico pesquisado em referenciais teóricos, artigos publicados em anais, revistas científicas e cadastros referentes ao vinho em sites estaduais e federais. Aborda um panorama geral da produção de vinho, o mercado nacional vitivinícola, traz alguns aspectos institucionais versando a respeito do desenvolvimento regional, aponta alguns limitantes e entraves da agricultura familiar e tenta vislumbrar perspectivas para um novo rural. O capítulo 2 trata do público envolvido e da metodologia empregada para desenvolver o trabalho. Já, o capítulo 3 caracteriza a área de estudo onde o trabalho foi desenvolvido. E, por fim, o capítulo 4 apresenta os resultados obtidos com o desenvolvimento do trabalho. Mais precisamente caracteriza os produtores escolhidos. Faz referência ao mercado do vinho artesanal e também aponta os limitantes e perspectivas da produção artesanal de vinho local.

## **1 PROBLEMA**

Com a implantação do processo de industrialização novos mercados e economias se alavancaram abrangendo diferentes atividades agroindustriais e diferentes territórios. A partir do estudo da produção artesanal de vinhos por

agricultores familiares do município de Caraá, este trabalho busca responder a seguinte questão: qual a situação atual e quais as perspectivas da produção de vinho de forma artesanal no município de Caraá, RS?

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 PANORAMA GERAL DA PRODUÇÃO DE VINHO**

Nas últimas décadas percebem-se grandes mudanças estruturais no setor vinícola brasileiro. Mudanças ligadas a esforços que permitiram um grau de evolução satisfatório conforme as exigências do mercado nacional. Outro aspecto importante está relacionado à qualidade e o preço que atualmente são compatíveis com a dimensão do mercado e com a exigência dos consumidores (MELLO, 2010).

Percebe-se que a vitivinicultura assume papel relevante na estrutura produtiva da região da serra gaúcha desde os primórdios da produção do vinho pelos colonizadores italianos. Farias (2010) cita alguns autores como Iotti e Moure para justificar este surgimento principalmente com a origem dos colonos italianos.

Estima-se que 54% dos imigrantes eram oriundos do Vêneto; 33% da Lombardia; 7% da região de Trento; e 6% das demais regiões da Itália. Estas regiões são tradicionais produtoras de vinho na Itália, com uma experiência em produção de vinhos que remonta o Império Romano. Além do conhecimento técnico-produtivo acumulado, tais imigrantes trouxeram em sua bagagem uma secular experiência de organização republicana.

Os primeiros colonos trouxeram mudas de novas variedades de uvas, auxiliando no aperfeiçoamento da qualidade do vinho produzido na região até então pelos alemães. Passados as duas primeiras safras, que garantiram a subsistência dos colonos, começaram a surgir os primeiros excedentes dos produtos agrícolas e agroindustriais (ainda que de forma rudimentar), dando início a um comércio inter-regional e, em seguida, estadual e nacional, mesmo com todas as dificuldades logísticas existentes na época. Além dos produtos agrícolas tradicionais da subsistência colonial (milho, batata, trigo, arroz e feijão), as plantações de uvas se

adaptaram muito bem ao clima, gerando os maiores excedentes entre os produtos da região (FARIAS, 2010).

Ao analisar os períodos evolutivos da vitivinicultura brasileira, o Instituto de Economia Agrícola (IEA) verificou que ela caracteriza-se pela produção de vinhos qualitativamente diferenciados ao longo dos últimos 120 anos. Três gerações de vinhos podem ser descritas conforme a Figura 1.



Fig. 1. Períodos evolutivos da produção vitivinícola comercial consolidada no Brasil: quatro gerações de vinhos brasileiros (Fonte: Tonietto & Mello, 2001).

O RS, responsável por cerca de 90% da produção nacional dos produtos vinícolas, possui informações relativas à produção de uvas, vinhos e derivados e à comercialização, cuja análise permite ter uma boa aproximação do desempenho da agroindústria vinícola do país (MELLO, 2010). O IEA revela que o consumo de vinhos no Brasil é de cerca de 2 litros per capita/ano, insignificante em relação à média per capita de 60 litros na França, Itália e Portugal. Na América Latina, os argentinos consomem 41,5 litros per capita e os chilenos, 15,7 litros. Mesmo com a desvalorização do real em 1999, o consumo de vinhos importados cresceu em relação ao ano anterior. Os avanços significativos foram percebidos em torno do desenvolvimento tecnológico a partir de pesquisas aliado à modernização da indústria vinícola gerando melhoria satisfatória na qualidade do vinho gaúcho no

âmbito nacional e internacional. Atualmente, verifica-se um interesse crescente por parte de novos países pelas indicações geográficas para produtos vinícolas e também para outros produtos da agroindústria.

Com a união e controle dos grandes grupos que melhor diluem custos e investimentos em propaganda, o rompimento de tradições culturais passadas de geração para geração e a difusão mundial de técnicas e tecnologia mais avançadas, está levando a produção a uma padronização em todo planeta.

No entanto, em relação à produção artesanal de alimentos ainda prossegue uma relação direta entre produtor-consumidor, sendo ainda muito simples em locais distintos. Mas, com a aproximação das grandes redes de distribuição, a valorização da qualidade e da segurança do alimento artesanal se torna algo crucial. A vitivinicultura além de ser, nos últimos anos, uma atividade significativa para a sustentabilidade da pequena propriedade tem se tornado importante, também, na geração de emprego em grandes empreendimentos, que produzem uvas de mesa e uvas para processamento (MELLO, 2010).

A vitivinicultura brasileira atravessa por ampla renovação de conceitos nos últimos anos. Este processo de reestruturação dos vinhos do Brasil ocorre de forma igual ao que vem acontecendo em todo o mundo (MELLO, 2010). Afirmando que os vinhos sofreram mudanças, podemos entender que os consumidores modificaram os conceitos e sua visão sobre a qualidade e benefícios que um vinho deve apresentar.

No cenário internacional, a partir de Mello (2010) o Brasil ocupou em 2007, o 17º lugar em área cultivada com uvas e o 19º em produção, segundo dados da FAO. No que se refere às ligações internacionais, dados da mesma fonte revelam que o Brasil foi o 11º colocado em exportação de uvas e o 10º maior exportador de suco de uva, em quantidade e em valor. Em uma ampla análise da mesma autora as exportações brasileiras do setor vitivinícola somaram, em 2010, 148,33 milhões de dólares, 11,95% superiores ao ano de 2009, mas muito aquém das verificadas em 2008 (194,30 milhões de dólares). As exportações de uva de mesa, em 2010, situaram-se em 60.805 toneladas, 11,45% superiores ao ano anterior. Embora ainda muito inferior ao volume exportado, em 2008, observa-se uma retomada no crescimento, com ganhos no valor das exportações, que cresceu 23,58%. Em 2010, houve redução de 47,13% na quantidade de suco de uva exportado. Os vinhos de

mesa, que, em 2009, apresentaram bom desempenho no volume exportado, devido ao Prêmio de Escoamento da Produção do Governo Federal – PEP tiveram no ano de 2010, queda de 43,58% e 34,81% na quantidade e no valor, respectivamente. Foram exportados 10,18 milhões de litros no valor de 5,30 milhões de dólares. Com os vinhos finos, em 2010, foram importados 75,05 milhões de litros de vinhos finos, o que representa 75,26% do vinho fino comercializado no Brasil. O vinho fino nacional, apesar de ter melhorado a qualidade, conquistado medalhas no exterior e ganhado espaço na mídia, não conseguiu reconquistar a fatia perdida no mercado para os importados.

## 2.2 O MERCADO VITIVINÍCOLA NA PERSPECTIVA NACIONAL

O mercado vitivinícola mundial sempre enfrentou muitas dificuldades financeiras por se tratar de um negócio de longo prazo e esta peculiaridade serve como empecilho que repele investidores para aumentar o aquecimento deste mercado. Indicadores internacionais recentes apontam que o Brasil será a quinta maior economia vitivinícola do mundo em 2030. Isso aponta novos rumos para o mercado vinícola nacional. E este setor precisa ser preparado para esse crescimento, pois se acontecer uma demanda aquecida e exigente daqui a vinte anos, teremos que também ter volume e qualidade até lá (APPIO, 2002).

O vinho gaúcho tem memória que inicia a partir da própria história da produção primária no RS, ainda no século retrasado: a chegada dos imigrantes, a implantação dos parreirais, o processo industrial, a modernização e finalmente, o reconhecimento de que estamos diante de um poderoso e respeitável segmento da nossa economia. Gerador de 100 mil empregos diretos e indiretos, o vinho, não pode ser separado da história dos imigrantes. São 15 mil famílias em propriedades de 3 hectares, em média, totalizando 30 mil hectares no RS, sendo os maiores produtores de uva da região, Bento Gonçalves e Flores da Cunha (APPIO, 2002).

Nos últimos anos, tem se tornado importante, também, na geração de emprego em grandes empreendimentos, que produzem uvas de mesa e uvas para processamento. Em 2010, pode ser visto uma redução na produção de uvas na maioria dos Estados brasileiros com queda de 3,74% em 2010, em relação ao ano

de 2009 (Tabela 1). No RS, o produtor trabalha com um volume de engarrafamento pequeno em relação à capacidade de investimento do país. Para melhorar, necessita aumentar o consumo de vinho (MELLO, 2010). Um dado significativo revela que em 2010, somente 43,07% da uva produzida no Brasil foi destinada ao processamento para elaboração de vinhos, suco de uva e derivados, sendo o restante destinado ao mercado de uva in natura (Tabela 2). Nesse mesmo ano, ocorreram problemas climáticos que resultaram na redução da produção de uvas para processamento, em especial no RS (MELLO, 2010).

Tabela 1. Produção de uvas no Brasil em toneladas.

<b>Estado\Ano</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Pernambuco	170.326	162.977	158.515	168.225
Bahia	120.654	101.787	90.508	78.283
Minas Gerais	11.995	13.711	11.773	10.590
São Paulo	193.023	184.930	177.934	177.538
Paraná	99.180	101.500	102.080	101.900
Santa Catarina	54.554	58.330	67.546	66.214
Rio Grande do Sul	705.228	776.027	737.363	692.692
<b>Brasil</b>	<b>1.354.960</b>	<b>1.399.262</b>	<b>1.345.719</b>	<b>1.295.442</b>

Fonte: IBGE

Elaboração: Loiva Maria Ribeiro de Mello - Embrapa Uva e Vinho

Em 2009, a crise mundial refletiu fortemente na produção de uvas de mesa, sendo que alguns produtores abandonaram parte dos vinhedos; no ano seguinte, fatores climáticos adversos, especialmente em áreas de produção de uvas para vinhos, resultaram numa diminuição da produção. No ano de 2010 a maior redução na produção ocorreu no estado baiano com um índice negativo de 13,51% seguido por Minas Gerais que atingiu uma redução de 10,05% em sua produção comparado com o ano anterior. O RS, principal Estado produtor de uvas e vinhos do país, apresentou, em 2010, queda de 6,06% na produção de uvas (MELLO, 2010).

Tabela 2. Produção de uvas para processamento e consumo *in natura* no Brasil em toneladas.

<b>Discriminação/Ano</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Processamento*	637.125	708.042	678.169	557.888
Consumo in natura	717.835	691.220	667.550	737.554
<b>Total</b>	<b>1.354.960</b>	<b>1.399.262</b>	<b>1.345.719</b>	<b>1.295.442</b>

\*Dados estimados pelo autor

Elaboração: Loiva Maria Ribeiro de Mello - Embrapa Uva e Vinho

Conforme já citado anteriormente, os fatores climáticos foram os principais determinantes pela redução na produção de uvas e, conseqüentemente, dos produtos elaborados a partir da uva. No ano de 2010 percebeu-se uma redução de 4,49%, em comparação com o ano anterior (Tabela 3). O suco de uva, produto em grande expansão atualmente, teve maior vantagem com o deslocamento de parte da uva que seria utilizada na elaboração de vinhos tendo assim um aumento na produção em 9,17%. Enquanto o suco de uva integral aumentou 67,69%, enquanto que o suco concentrado aumentou apenas 1,01%. Os vinhos de mesa apresentaram queda de produção de 4,93% e os vinhos finos, redução de 37,83% (MELLO, 2010).

Tabela 3. Produção de vinhos, sucos e derivados do RS em litros.

<b>PRODUÇÃO</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
<b>Vinho de mesa</b>	<b>275.287.908</b>	<b>287.506.811</b>	<b>205.399.206</b>	<b>195.267.979</b>
Tinto	228.156.220	241.057.928	164.124.454	157.290.088
Branco	42.118.552	42.942.053	39.211.278	35.408.083
Rosado	5.013.136	3.506.830	2.063.474	2.569.809
<b>Vinho Fino</b>	<b>43.176.484</b>	<b>47.334.502</b>	<b>39.900.568</b>	<b>24.805.713</b>
Tinto	24.786.071	27.583.032	18.209.043	11.401.406
Branco	17.598.428	18.812.571	21.366.975	13.013.027
Rosado	791.985	938.898	324.550	391.280
<b>Suco de uva integral</b>	<b>10.147.037</b>	<b>11.817.941</b>	<b>16.034.003</b>	<b>26.887.259</b>
<b>Suco concentrado*</b>	<b>97.112.643</b>	<b>115.073.230</b>	<b>115.032.285</b>	<b>116.193.425</b>
<b>Outros derivados</b>	<b>39.867.230</b>	<b>59.642.775</b>	<b>57.462.530</b>	<b>51.210.756</b>
<b>TOTAL</b>	<b>465.591.302</b>	<b>521.375.259</b>	<b>433.828.592</b>	<b>414.365.132</b>

\*Transformados em litros de suco simples.

Fontes: União Brasileira de Vitivinicultura – Uvibra, Instituto Brasileiro do Vinho – Ibravin

Elaboração: Loiva Maria Ribeiro de Mello - Embrapa Uva e Vinho

Basicamente o RS apresentou uma redução na comercialização de suco e vinhos no ano de 2010, em relação ao ano anterior (Tabela 4).

Tabela 4. Comercialização de vinhos e de suco de uva provenientes do RS em litros.

<b>Produtos\Anos</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
<b>VINHO DE MESA<sup>1</sup></b>	<b>225.958.849</b>	<b>199.319.943</b>	<b>234.524.979</b>	<b>220.524.713</b>
Tinto	194.641.116 <sup>(5)</sup>	171.043.313	193.004.182	188.007.415
Rosado	2.249.330	1.820.106	2.307.580	2.036.196
Branco	29.068.403	26.456.524	39.213.217	30.481.102
<b>VINHO ESPECIAL<sup>2</sup></b>	<b>106.333</b>	<b>65</b>	<b>113</b>	<b>288</b>
<b>VINHO FINO DE MESA<sup>3</sup></b>	<b>21.411.466</b>	<b>21.119.622</b>	<b>33.080.270</b>	<b>21.269.681</b>
Tinto	13.814.078	12.490.521	19.576.295	15.128.191
Rosado	413.939	153.562	213.835	235.427
Branco	7.183.449	8.475.539	13.290.140	5.906.063
<b>ESPUMANTES</b>	<b>7.005.453</b>	<b>7.630.835</b>	<b>8.742.660</b>	<b>9.680.553</b>
<b>ESPUMANTE MOSCATEL</b>	<b>1.582.512</b>	<b>1.902.482</b>	<b>2.500.230</b>	<b>2.917.929</b>
<b>SUCO DE UVA INTEGRAL</b>	<b>13.774.178</b>	<b>18.323.896</b>	<b>25.536.009</b>	<b>31.794.039</b>
<b>SUCO DE UVA ADOÇADO</b>	<b>4.532.170</b>	<b>3.155.440</b>	<b>3.192.865</b>	<b>2.694.661</b>
<b>SUCO DE UVA CONCENTRADO<sup>4</sup></b>	<b>128.017.940</b>	<b>139.402.325</b>	<b>159.309.285</b>	<b>154.139.950</b>
<b>TOTAL</b>	<b>400.994.916</b>	<b>390.929.916</b>	<b>467.288.992</b>	<b>443.687.803</b>

<sup>1</sup>Elaborado com uvas americanas e híbridas; <sup>2</sup>corte de vinho de mesa e vinho fino de mesa; <sup>3</sup>elaborado a partir de cultivares *Vitis vinifera*; <sup>4</sup>valores convertidos em suco simples; <sup>(5)</sup>inclui 4.808.616 litros do PEP.

Fonte: UVIBRA e IBRAVIN

Elaboração: Loiva Maria Ribeiro de Mello - Embrapa Uva e Vinho

Os vinhos de mesa apresentaram uma redução de 5,97%, enquanto os vinhos finos sofreram diminuição chegando a atingir 35,70%. Esta diminuição na comercialização dos vinhos finos pode ser atribuída ao fato de em 2009 terem sido criadas políticas de redução de estoques, via PEP. Com o estímulo à comercialização o resultando foi um crescimento de 56,63% no consumo do produto. Comparativamente ao ano de 2008, em 2010 houve um crescimento extremamente baixo com índice de 0,07% na produção. Nesta lógica, os vinhos finos tintos apresentaram aumento de 21,12%, em 2010 sobre a produção de 2008 (MELLO, 2010).

Os sucos de uva também apresentaram um bom comportamento mercadológico em 2010, considerando a diminuição da matéria prima disponível.

### 2.3 ASPECTOS INSTITUCIONAIS E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Em termos mais institucionais descrevemos um caminho concreto onde a produção em pequena escala e rudimentar e ainda a partir de maiores ambições dos

produtores, pode trilhar ou tender por organizações melhor constituídas se assim ser a ambição.

Douglass North em sua obra, conforme Farias (2010) centra-se em explicar como as instituições e suas mudanças afetam a economia. Para Farias (2010), conforme o pensamento de North, as instituições são uma forma de reduzir as incertezas resultantes da interação humana. Tais incertezas constituem o cerne dos mercados (mercados estes marcados pela racionalidade limitada dos agentes e por sua complexidade intrínseca) acarretando custos na economia que, para North, somente são minimizados a partir do surgimento de instituições.

Assim, instituições reduzem incertezas na medida em que se constituem em um guia para a interação humana. Ainda conforme Farias (2010) North vai além afirmando que “as instituições são as regras do jogo” em uma sociedade, ou mais formalmente, são as limitações idealizadas pelo homem e que dão forma às interações humanas. Elas geram incentivos à interação humana, seja na forma política, social ou econômica.

Não se trata apenas de regras, mas também de sistemas de estímulos que conformam as instituições políticas e econômicas, o que tornam determinantes e fundamentais o desempenho de uma região ou setor, no longo prazo.

Talvez esta seja uma das grandes diferenciações do modelo de análise institucionalista de North: as escolhas individuais dependem de crenças, e essas são uma consequência do aprendizado cumulativo que se transmite culturalmente de geração a geração; o tempo é a dimensão em que o processo de aprendizagem dos seres humanos modela a evolução das instituições.

Farias (2010) emprega as concepções de Arend e Cário afirmando que as instituições, juntamente com as técnicas empregadas influenciam nos custos de produção e de transação. Há assim a necessidade de recursos e técnicas para transformar fatores de produção como a terra, o trabalho e o capital. No entanto, a forma de acesso a estes recursos (em geral financeiros), bem como o grau de facilidade na obtenção dessas tecnologias é influenciado pela estrutura das instituições. Continuando com o raciocínio de Farias (2010) com base em North, afirma que organizações baseadas num aprendizado coletivo são tão importantes para a mudança institucional, pois elas são construídas com base em “crenças”, que

determinarão as recompensas esperadas, fundamentais para a mudança econômica. Dessa forma, o desenvolvimento regional pode ser visto como um processo que podemos definir como uma “organização social regional”. E este processo caracteriza-se pelo aumento da base de decisões autônomas por parte dos atores locais.

Conforme Silveira *et al.* [2007?] esta valorização pode ocorrer de duas formas integrantes e não excludentes: a validação legal e a validação social. O autor detalha que a validação legal é entendida como o aval do poder público através dos serviços de inspeção sanitária e vigilância sanitária, baseados nas normas legais. Enquanto que a validação social se entende como a articulação dos diferentes agentes envolvidos na produção, distribuição e consumo de um determinado produto. Por tanto normas construídas socialmente que estabelecem padrões e que via controle social são fiscalizadas que representam compromisso de que as normas estabelecidas estão sendo cumpridas.

O contexto vigente é marcado pela crescente exclusão de amplos contingentes sociais, dispensados pelas grandes cadeias agroalimentares. Esta realidade aponta para a necessidade de construção de alternativas para outro desenvolvimento rural. Esta construção pode apoiar-se na valorização dos sujeitos sociais que trabalham e transformam cotidianamente o espaço rural. Desta forma, a recriação de unidades de produção agrícola (UPAs) voltados ao processamento de alimentos, localizadas no espaço rural, buscam o resgate e/ou aperfeiçoamento das práticas tradicionais de processamento artesanal fortemente correlacionados com a arte de produzir. Mas necessitando de estímulos de políticas públicas, participação social conjunta ou através de luta dos movimentos sociais (SILVEIRA *et al.* [2007?]). Neste contexto pode-se afirmar que há na produção artesanal de vinho um potencial adormecido.

As UPAs podem ser vistas como uma experiência de revitalização da agricultura familiar considerando que a atividade rural aproprie-se de uma diversidade de valores e funções (FILIPPI *et al.* 2006).

Segundo Schneider (2005), para definirmos agricultura familiar precisamos entender alguns indicadores que a caracterizam, principalmente de que as unidades

familiares funcionam com utilização da força de trabalho dos componentes da família, podendo ainda contratar outros trabalhadores eventual ou temporariamente.

Para Abramovay, citado por Riva (2009), o conceito de agricultura familiar foi idealizado e compreendido muito tarde. A expressão agricultura familiar ainda é recente no Brasil, sendo que até poucos anos atrás a noção de agricultura familiar era tratada de forma indiscriminada com noções equivalentes a “agricultura de baixa renda”, “pequena produção” e ainda “agricultura de subsistência”. Julgamento relacionado ao desempenho econômico destas unidades. A mesma autora cita Benedet Filho (2004) que faz um importante reconhecimento da agricultura familiar no cenário nacional. Tal importância da agricultura familiar no Brasil fica demonstrada no documento Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO baseado no censo agropecuário do IBGE (1995/96) que existem no Brasil cerca de 5 milhões de estabelecimentos rurais que ocupam uma área de 353,6 milhões de hectares. A agricultura familiar ocupa 30% desta área e representa 85% do total destes estabelecimentos gerando 40% do total do valor bruto da produção nacional e recebe apenas 25% dos valores públicos destinados ao financiamento rural.

De um modo geral, a agricultura é caracterizada pelo cultivo da terra, visando lucro ou apenas o próprio sustento das famílias, mas a realidade econômica recomenda a necessidade de aquisição deste lucro para o sustento de uma vida em sociedade (RIVA, 2009).

A agricultura familiar em seu processo evolutivo acontece a partir da modernização da agricultura alavancado pela RV. Também é importante mencionar que pela consolidação destes complexos agroindustriais surgem reformulações nas políticas agrícolas e mudanças nos incentivos institucionais para a atividade. O processo de comercialização ocorre no processo de inserção, cada vez mais crescente, em circuitos de trocas mercantis e mercados monopolistas. Assim os produtores rurais perderam boa parte de sua autonomia tornando-se vulneráveis as oscilações do mercado (RIVA, 2009).

No âmbito da comercialização para a agricultura familiar, as UPAs apresentam destaque por possibilitarem os agricultores a atuar em duas importantes etapas da cadeia produtiva, o setor primário e secundário. Aqui, se parte com a idéia de mudança do papel da agricultura familiar, não mais apenas de produção de

matéria prima, mas também de industrialização de sua própria produção (RIVA, 2009). Além disso, conforme Riva (2009) citando Diesel (*et al.* 2005) a implantação de UPAs surge como um resgate dos métodos de processamento agropecuários das famílias e reverte entre agricultura e indústria.

## 2.4 LIMITANTES E ENTRAVES DA AGRICULTURA FAMILIAR.

Diante de um agravamento de ocorrências provindas após a implantação do modelo agrícola moderno vigente o Estado passou a intervir com seus instrumentos a fim de controlar as falhas de mercado, motivado pela busca de eficiência de um Estado Modernizador. Sendo que o objetivo maior se deu na busca de instrumentos de combate aos altos índices inflacionários. As ações governamentais direcionadas ao setor agrário no Brasil foram inicialmente norteadas com a finalidade de modernizar todos os setores da economia para promover e dar continuidade ao desenvolvimento econômico do país. Percebe-se, portanto, que as razões que determinaram a intervenção do Estado no setor rural são pretextos econômicos. Produções mais eficientes e qualificadas prevaleceram diante do mercado moderno. Muitos dos produtos provindos da agricultura familiar perderam espaço diante das novas exigências mercadológicas. Nestas perspectivas a opção favorável é o produtor se adequar às normas estabelecidas ou, permanecer à margem do mercado. Tanto que é perceptível em ambos os produtores abordados dificuldades que vão desde a possibilidade de expansão do mercado ou mesmo da comercialização até o reconhecimento e a visibilidade de seus produtos no mercado. A identificação do produto é fundamental hoje para a prospecção de qualquer atividade ou produto. Outra dificuldade percebida é em relação ao investimento necessário para entrar em conformidade com a legislação vigente. A grande maioria dos produtores familiares está além de obter condições econômicas próprias para se adequar às normas.

Mielitz e Melo (2008) expressam que as políticas públicas deixaram claro que a opção era pelo agrícola, pela expansão da produtividade, diante dos ideais da RV. As ações políticas que guiaram a busca da modernização agrícola partiram da influência das exportações agrícolas na balança comercial brasileira. A

modernização da agricultura modificou qualitativa e quantitativamente os índices de produtividade, iludindo significativos índices impulsionada por fortes incentivos governamentais, como afirma Alberti (2005).

Em todos os planos de políticas dos distintos governos as ações políticas agiram no sentido de promover o desenvolvimento da agricultura enquanto atividade econômica. No espaço rural, Alberti (2005) menciona que na situação atual do Brasil, um grande número de produtores familiares depende das atividades agrícolas e que estas devem ser estimuladas através de políticas, mas estão limitadas pela elevada concentração de renda e de riqueza que caracteriza o país. Neste sentido, Alberti (2005) citando Guanzioli (*et al.* 2001, p. 6) ressalta:

O desenvolvimento rural é possível com políticas agrícolas com técnicas modernas, mas relativamente intensivas no uso do fator abundante – o trabalho – onde o agricultor familiar é capaz de gerar uma renda líquida superior ao custo de oportunidade de seu trabalho. Reconhecem que para alavancar a competitividade da produção familiar na agricultura é preciso também garantir o acesso a serviços essenciais de educação e saúde às famílias rurais, eliminando, desse modo, o viés urbano dos investimentos sociais.

Mielitz e Melo (2008), refletindo do contexto mais macro, avaliam os distintos planos influenciados tanto pela visão do que é questão agrária, como pela conjuntura internacional. Os planos visavam independente de seus respectivos períodos, fomentar ou atrelar o desenvolvimento da agricultura enquanto atividade econômica do país. O fato é que as alterações estruturais sucedidas nas últimas décadas geraram uma nova dinâmica nas relações econômicas e sociais no meio rural, alterando fundamentalmente a estrutura e a composição do trabalho rural. Outra dificuldade percebida na atividade vinícola está na área de assistência ao produtor. São praticamente duas décadas que gradativamente a assistência diminuiu, onde atualmente pode-se chegar a afirmar que ela não existe no município.

Quando tratamos de desafios para a agricultura familiar e questionamos sua autonomia lembramos que os problemas e entraves são diferentes para cada região, estado ou município do Brasil. Mesmo com a presença distinta destas dificuldades em cada região todas elas apresentam o mesmo entrave: limitantes para devida comercialização da agricultura familiar (RIVA, 2009).

Normalmente os principais entraves encontrados de modo geral nas diferentes atividades exercidas pelos agricultores caraenses, de modo especial na produção vinícola, se apresenta fundamentalmente em quesitos internos como gestão da propriedade, conformidade com as leis vigentes, infra-estrutura, qualificação dependendo da atividade, independente de seus produtos, garantia de mercado, questões geográficas dependendo da localização da propriedade, disponibilidade de pouco capital. E externos como acesso viário, amparo técnico especializado pelos órgãos competentes, enquadramento e acesso às linhas de crédito ou programas de financiamento, exclusão do processo de desenvolvimento, falta de políticas públicas locais específicas para o agricultor familiar, individualismo...

Não podemos analisar as transformações na agricultura brasileira sem considerar as mudanças da economia global. O Estado visou uma agricultura tecnificada com utilização de insumos químicos e implementos mecânicos subsidiando esta modernização. A tecnologia, a princípio, veio para trazer o desenvolvimento da atividade agrícola, contudo Mielitz e Melo (2008) colocam que esta tecnologia se ampliou a partir da concorrência das empresas que forneceram insumos para a agricultura. Coube ao agricultor aceitar passivamente o que lhe era oferecido. O produtor ficou no meio do processo que de um lado tem o fornecedor de insumos e de outro os distribuidores dos produtos agrícolas. Com isto o produtor perdeu o poder de decisão sobre as questões referentes à produção e comercialização do seu produto.

É perceptível que a interferência do Estado com políticas públicas são qualificadas conforme o período e principalmente pelas ocorrências em torno do campo econômico. O que temos visto é que o conhecimento tecnológico tem favorecido em especial uma parcela da sociedade ou grupos econômicos que tem acesso fácil as tecnologias e aos recursos de políticas públicas.

Ficou nítido que este padrão de modernização beneficia o maior, o que tem mais posses, o que obtém mais poder ou beneficiou uma pequena parcela da sociedade. Por outro lado estigmatiza o pequeno produtor, o que diversifica e contribui para a preservação ambiental, deixando-os na maioria dos casos, com mínimas condições de sobrevivência. Os atuais rumos do desenvolvimento vêm

acentuando o processo de exclusão social, característico desta estrutura econômica e social. A partir da inserção do Brasil no processo de globalização, uma série de transformações modificou os cenários econômico, social e político, principalmente.

A modernização atendeu aos interesses das grandes indústrias de produtos químicos, implementos agrícolas, sementes modificadas e as políticas públicas do país estão voltadas à este modelo de agricultura que prioriza a exportação de produtos agrícolas que passam a ser mercadorias agrícolas, que reduz a diversidade de produção e traz danos ao meio ambiente e a segurança alimentar. Para reforçar, segundo Alberti (2005, p. 4):

No final dos anos 80, e mais especificamente nos anos 90, observa-se um verdadeiro desmonte das instituições e dos instrumentos que nortearam a Política Agrícola Brasileira, em que os volumes de créditos voltados ao segmento agropecuário foram os mais baixos. Essas mudanças se intensificam a partir da abertura comercial acelerada e da integração regional afetando mais diretamente o segmento agropecuário e agroindustrial, com a perda de poder regulatório e de planejamento.

Nota-se que com o amadurecimento da participação popular através de grupos organizados na definição de políticas públicas, grupos mais populares da população rural têm se beneficiado dos instrumentos de políticas que visa abranger segmentos específicos da população. Essa alternativa ainda não simbolizou e está um tanto distante de um patamar ideal diante da vasta gama de anseios da área rural. Pela diversidade de situações encontradas em nosso país, as políticas não podem ser destinadas de forma geral a todos que trabalham com o agronegócio. É necessário garantir acesso aos que dispõem de menos condições para que obtenham recursos ou aos que ficaram as margens dos recursos por não praticarem o tipo de agricultura estabelecida pelo modelo de desenvolvimento vigente.

Não se pode promover um desenvolvimento rural, reduzindo gradativamente a área rural, pois é nestes espaços que encontramos uma grande biodiversidade, um rico patrimônio ambiental e de formas de vida crescentemente valorizadas nos dias de hoje que ganham dimensões promissoras para o processo de desenvolvimento (MIELITZ; MELO, 2008).

## 2.5 PERSPECTIVAS PARA UM NOVO RURAL

A implantação da RV consolidou um aumento nas produções e significativa rentabilidade econômica. Mas por trás destas incríveis mudanças surgiram conseqüentemente inúmeros conflitos, principalmente sociais e ambientais. Com o aumento das produções, foi necessário aumentar as áreas de produção e com todas as tecnologias modernas a favor deste crescimento a expansão não cessou. Gerou mobilidades entre as sociedades, onde muitas vezes a adaptação ao novo ambiente não acontecia de forma plena. Este modelo concentrou terras e riquezas a mão de poucos e parte da sociedade obrigou-se vender a mão-de-obra, descaracterizando o trabalho de sustentabilidade própria, dos valores profissionais, culturais, da relação homem/natureza, onde passou a ser explorado em nome do capitalismo (LUTZENBERGER, 2001).

No contexto atual percebe-se que uma nova ruralidade emerge no Brasil. Basicamente resultado de uma estratégia recente de produção agrícola onde as *commodities* passam a ceder mais espaço a produtos artesanais. Esta tendência se confunde com um marcante desenvolvimento do comércio de produtos orgânicos que passa a proporcionar maior espaço a mercados ainda de nicho (RIVA, 2009). Vislumbra-se, a partir do potencial presumido na atividade vinícola no contexto caraense, que as características encontradas na produção artesanal pode seguir a concepção da autora. A mesma autora ainda cita Wilkinson e Mior (1999) para afirmar que as análises e estratégias dessa nova tendência têm como base o novo ambiente competitivo responsável pela reestruturação das cadeias agroindustriais tradicionais. Um conjunto de fatores, a partir dos anos 1990 como desregulamentação e integração regional, instituiu novas condições de competitividade nestas cadeias.

Para que estas famílias permaneçam estáveis nestes mercados cada vez mais competitivos depende da sua capacidade de interagir com aspectos mais abrangentes como gestão de suas UPAs, emprego de novas tecnologias como complemento e alternativa para suas técnicas tradicionais e considerar sua infraestrutura observando uma adequação conforme a atividade que desenvolvem e o mercado a que pertencem.

Do ponto de vista do agricultor, parece evidente que suas estratégias de reprodução, nas condições modernas de produção, em grande parte ainda se

baseiam na valorização dos recursos de que dispõem internamente, no estabelecimento familiar, e se destinam a assegurar a sobrevivência da família no presente e no futuro. De certa forma, os agricultores familiares modernos “enfrentam” os novos desafios com as “armas” que possuem e que aprenderam a usar ao longo do tempo.

Este novo rural está representado pelos produtores familiares rurais, mais ativos que com dinamismo e suficiência própria, buscam inserção nos mercados. Ocorre pela procura de agregação de valor aos seus produtos, acréscimo da renda das famílias agrícolas bem como a retenção e manutenção dos jovens no meio rural. Assim a agroindustrialização destes produtores familiares rurais pode ser vista como um reflexo deste novo rural, sendo uma das formas de inserção das famílias e de seus produtos no mercado (RIVA, 2009).

Mesmo que com todos os entraves existentes localmente lentamente os produtores vinícolas caraenses estão buscando espaço neste mercado competitivo. Afinal trata-se de um produto diferenciado que impregna uma cultura consolidada há mais de um século.

### **3 METODOLOGIA**

O universo empírico estudado compreende duas famílias de agricultores familiares rurais estabelecidas no interior de Caraá mais especificamente na comunidade de Passo Osvaldo Cruz, local habitado principalmente por colonizadores italianos. Por se tratar de uma pesquisa de investigação e conhecimentos será empregado o método de estudo empírico para desenvolver a pesquisa.

#### **3.1 DEFINIÇÃO DOS PRODUTORES ESCOLHIDOS**

As famílias do interesse deste trabalho estão inseridas em uma comunidade interiorana de Caraá. As duas se encontram inseridas na comunidade de Passo Osvaldo Cruz, região montanhosa e pedregosa, com mata preservada e rica em recursos naturais. Possuem área própria e dependem de seu trabalho na

propriedade para sua sobrevivência. São duas famílias bem constituídas, agricultores familiares típicos e desenvolvem a produção de vinho desde sua juventude. Herança que trazem de seus pais e avôs com determinação, pois é mais de meio século que desenvolvem a atividade.

Apresentam ainda algumas características distintas que se tornam importantes para o objeto de estudo deste trabalho. São tradicionais e mantêm a tradição de produzir vinho de forma artesanal há pelo menos três gerações. O trabalho de produzir vinho reúne muitos dos membros da família dispersados em outras regiões. Ainda utilizam técnicas herdadas dos ancestrais. Enfrentam as dificuldades normalmente trocando experiências para suavizar os problemas que surgem no processo de produção de vinho. São produtores rurais simples e todas as suas necessidades são alcançadas com seu próprio trabalho. Conciliam o trabalho na lavoura com a cultura que firma sua identidade como colonos italianos – a produção artesanal de vinho. Cabe destacar que o fazem com grande orgulho, mas com o aumento de problemas internos e externos ligados à produção e a qualidade final do produto os mais jovens estão perdendo a determinação para dar continuidade à atividade. Características estas que consideramos especiais para escolher estes agricultores.

A fim de melhor delinear características estruturais e familiares distintas dos produtores vamos delimitá-los como produtores A e B e serão analisadas questões exclusivas à produção de vinho. Esta atividade é considerada especial pelos agricultores e normalmente é uma época onde se reúnem outros membros da família para agregar mão de obra.

No caso do produtor A sua família está composta por cinco pessoas onde quatro destas trabalham ativamente. Com a reunião dos outros membros da família, dispersos em outras regiões, nesta época chegam a somar doze pessoas que trabalham ativamente. A justificativa para este acontecimento é o fato da produção ser desenvolvida de forma totalmente artesanal. Em processos mais demorados na produção do vinho o emprego de mais mão de obra, exclusiva familiar, auxilia em ganhos de eficiência nestes processos.

A partir de dados estimados pelo produtor A, conta com uma área superior a um hectare e meio de parreiras. Diversifica com a variedade francesa principalmente

e bordô ambas para a produção de vinhos tintos. E com a variedade champanhe que produz vinho branco. Calcula que 90% da sua produção é representada pelo vinho tinto. Colheu aproximadamente um total de nove toneladas na última safra e estima que tenha perdido mais de uma tonelada de uva devido a problemas fitossanitários e climáticos.

Suas instalações e equipamentos são totalmente artesanais. Produz e comercializa por décadas informalmente, fato que admite ser hoje um dos maiores entraves na atividade. Não utiliza produto de nenhuma espécie no processo de fabricação, apenas emprega as técnicas utilizadas pelos avôs.

Com o produtor B sua família está composta por três pessoas onde todos trabalham ativamente. Com a reunião dos outros membros da família, também dispersos por outras regiões, inclusive região metropolitana de Porto Alegre e Litoral, somam nove pessoas que trabalham ativamente.

Também a partir de dados estimados o produtor B conta com uma área superior a dois hectares de parreiras. Diversifica com as mesmas variedades que o produtor A: bordô, francesa e champanhe. Produz vinho tinto, branco e há dois anos iniciou um novo trabalho com a produção de suco da uva francesa. Estimou para a última safra que produziu 60% de suco, 30% de vinho tinto e 10% de vinho branco. Colheu aproximadamente um total de onze toneladas na última safra e garante que perdeu duas toneladas de uva pelos mesmos motivos apontados pelo produtor A.

Diferentemente do produtor A, nosso produtor B busca a legalização de sua atividade a pelo menos dois anos. Segundo o produtor por conta de dificuldades de assessoria técnica e principalmente financeira pouco a pouco segue buscando sua formalidade conforme sua condição.

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Este trabalho se propõe abranger duas famílias de produtores familiares rurais do município de Caraá. O município está localizado na região do litoral norte do estado do RS entre a serra, a metrópole e o mar. Com uma extensão de 292,5 km<sup>2</sup> faz divisa com os municípios de Santo Antônio da Patrulha ao sul, Maquiné a

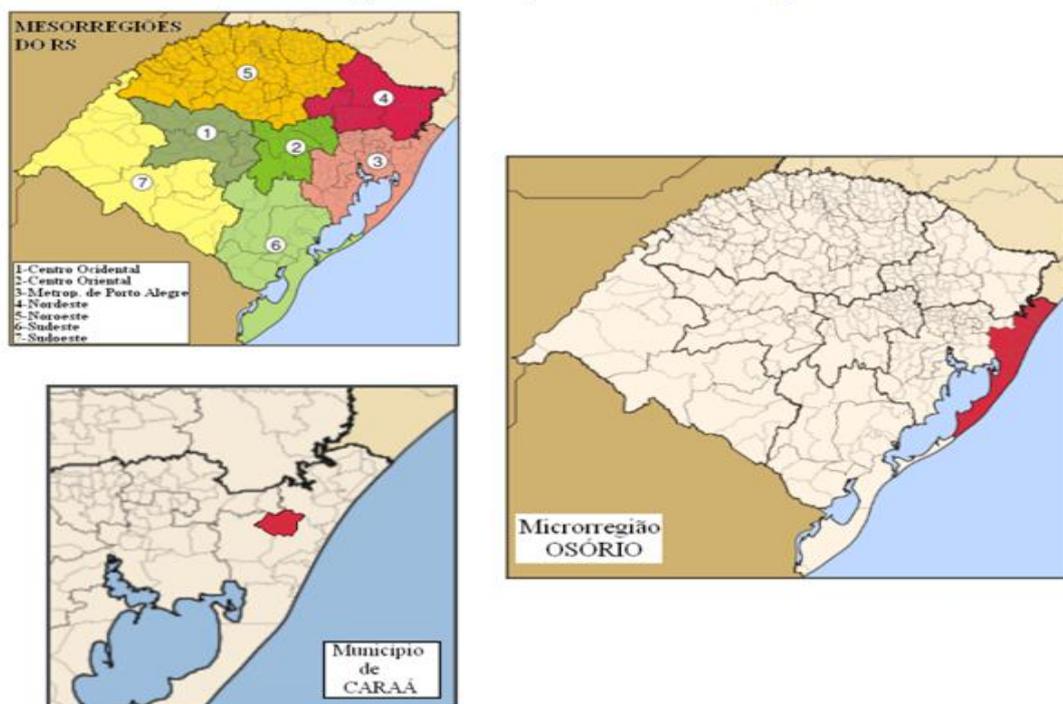
norte, Osório a leste e Riozinho a oeste, sua distância em relação à capital do estado é de 96 km .

Caraá possui cerca de 7.300 habitantes. Tem como principal fonte de renda a agricultura e indústrias de calçados.

A população caraense é formada por uma mescla de várias etnias, como alemães, portugueses, poloneses e a grande maioria italiana. Diante destes inúmeros povos, encontramos uma abundante bagagem cultural, que mesmo com o passar dos anos e com o intenso intercâmbio cultural ocorrido nas últimas décadas, resguardam traços mais ou menos marcantes de sua cultura original. A exemplo podemos considerar a atividade de produção de vinho artesanal ou colonial desenvolvida em muitas comunidades caraenses onde há presença de colonizadores italianos.

O município faz parte da Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre e está inserido na Microrregião de Osório. Figura 2.

Localização do Município de Caraá no Mapa do RS



Fonte: Prefeitura Municipal

O relevo é ondulado a montanhoso, alguns morros variam entre 200 e 800 metros de altitude. Apresenta vales às margens dos rios constituídos por gramíneas. A temperatura do município apresenta média anual de 19,08°C com máxima chegando até 39°C e mínima a 0°C, e a umidade relativa do ar 79%, sua

temperatura máxima já chegou a 39°C e sua mínima a 0°C. Apresenta variação de chuvas entre 1200 e 1500 mm anuais sendo que os meses com maior densidade é setembro e os de menor são março e abril (PREFEITURA MUNICIPAL, 2011).

Sua economia tem base nas práticas agrícolas, com produção de hortifrutigranjeiros, segmento voltado ao turismo, gastronomia diversificada com o comércio de produtos caseiros (PREFEITURA MUNICIPAL, 2011).

A maior parte do comércio local é dependente dos trabalhadores da indústria calçadista, sendo que o maior pólo comercial localiza-se na sede e em seguida em torno das indústrias. Apesar de o comércio não ser amplo se mostra estruturado e com opções para as principais necessidades da população.

No que tange o local onde o trabalho será desenvolvido trata-se de uma comunidade basicamente formada por descendentes italianos. A economia local gira em torno da agricultura familiar e dos produtos elaborados pelas famílias. A comunidade não possui indústrias e o comércio varejista é essencialmente composto por produtos alimentícios. O mercado de serviços praticamente não existe restando apenas pequenos serviços de carpintaria e alguns trabalhos artesanais envolvendo couro e madeira principalmente. Trata-se de uma comunidade simples e com potencial em alguns produtos como o vinho colonial.

### 3.3 ESCOLHA E APLICAÇÃO DA METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa foi utilizado o método de estudo empírico. A pesquisa de estudo empírico visa conhecer em maior profundidade o como e o porquê de uma determinada situação descobrindo o que há de mais essencial e característico. Não há pretensão do pesquisador em intervir sobre o objeto a ser estudado, mas sim mostrá-lo como o percebe (GERHARDT; SILVEIRA, 2008). Podendo ser também (ou ainda é) uma forma de realizar uma pesquisa social empírica, investigando fenômenos que não estão claramente definidos dentro de um contexto de vida real (CAMPOMAR, 1991 *apud* YIN, 1990). Múltiplas fontes de evidências poderão ser utilizadas para dar ênfase à completa descrição e ao entendimento do relacionamento dos fatores envolvidos (CAMPOMAR, 1991).

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados dados coletados através de entrevista detalhada cujo roteiro segue anexo e fontes secundárias. Os dados secundários são de acesso mais imediato e podem fornecer critérios valiosos para obtenção e interpretação dos dados da pesquisa mesmo relevando suas limitações (LUCKMANN, 2006 *apud* MALHOTRA, 2002). Os dados da entrevista foram coletados a partir de um questionário semi-estruturado, ou seja, um roteiro de entrevista. Este método é utilizado para obtenção dos dados qualitativos de forma direta e pessoal. A entrevista foi aplicada aos gestores das duas propriedades. Foi considerado o tempo que permanecem na atividade, as técnicas que empregam, a organização estrutural e social da Unidade de Produção Agrícola (UPA) e o fato principal, as dificuldades que estes produtores vêm enfrentando. Optou-se por aplicar a pesquisa na época da colheita a fim de facilitar a compreensão dos dados e adquirir material teórico adequado para o desenvolvimento do trabalho. Os dados das fontes secundárias foram coletados em referenciais teóricos, artigos publicados em anais, revistas científicas e cadastros referentes ao vinho em sites estaduais e federais. Mesmo com a elaboração de um roteiro de pesquisa a formulação de perguntas será influenciada pelas respostas do entrevistado. Assim o papel do entrevistador se torna relevante para obter respostas valiosas e significativas (LUCKMANN, 2006 *apud* MALHOTRA, 2002).

A coleta dos dados secundários e a realização das entrevistas têm o propósito de atender aos objetivos específicos caracterizando o contexto histórico e o comportamento do setor em estudo localmente objeto de estudo, assim como identificar fatores potenciais e limitantes desta cadeia produtiva.

#### **4 RESULTADOS**

Notoriamente a atividade vinícola artesanal local apresenta-se distinta, pois há produções especialmente para comercializar em forma de vinho e também suco, como é o caso dos produtores do interesse deste trabalho. Outros agricultores produzem apenas para consumo próprio não realizando a comercialização de seus produtos. Constata-se também a presença de pequenas parreiras destinadas apenas para consumo in natura.

Conscientes das barreiras externas à produção artesanal como exemplo o aumento da produção industrial, a padronização do produto, concorrência com as importações e maiores exigências sanitárias, interferiram na atividade desenvolvida pelos produtores do município de Caraá. Basicamente o maior entrave entre a maioria dos produtores é de caráter legal. Na maioria dos casos a adequação as normas vigentes pouco são consideradas. O reflexo maior percebido está na comercialização do vinho artesanal ou colonial que sofreu uma redução na demanda nos últimos anos. Apesar dos entraves e das barreiras comerciais, a produção em si apresenta riscos principalmente na qualidade da matéria prima. O maior empecilho está ligado aos fatores climáticos que influenciam automaticamente a qualidade do produto.

A pesquisa partiu com a aplicação de um instrumento baseado em questionamentos sobre a realidade local e a vivência dos produtores no âmbito do tema apontado neste trabalho. O contato com os produtores perdurou por volta de dezesseis dias onde foi possível obter uma visão geral da atividade de produção do vinho artesanal. Não foi possível acompanhar totalmente o processo de elaboração do vinho, pois o procedimento inicial, a poda, é aplicado ainda no mês de agosto. A pesquisa foi aplicada entre os meses de janeiro e fevereiro, período de colheita e transformação. O acompanhamento das etapas de transformação foi realizado de forma alternada com os dois produtores para melhor compreensão das particularidades. Acompanhou-se em média duas horas de cada procedimento com cada produtor. Por motivos éticos privou-se a identidade dos produtores. Assim designou-se produtor A e produtor B para aludir suas peculiaridades.

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PRODUTORES

Num primeiro momento cabe ressaltar as particularidades dos produtores envolvidos. Apesar de se tratar da mesma atividade entre os dois produtores existem distinções específicas na atividade como no caso do produtor B. Além da produção artesanal, atividade comum entre os dois produtores, o produtor B conduz por duas safras um projeto de diversificação da produção utilizando a uva como matéria prima.

#### 4.1.1 CARACTERÍSTICAS PARTICULARES DO PRODUTOR A

O produtor faz parte da terceira geração de uma família italiana tradicional. O costume da produção do vinho é mantido da mesma forma, com as mesmas técnicas e conhecimentos utilizados ainda pelo seu avô. Provindo de uma geração de dez irmãos, seis homens e quatro mulheres, sempre viveu das práticas agrícolas. Possui 68 anos, casado, pai de dois filhos sendo que um vive no meio urbano. Obtém um total de 25 hectares de terra sendo que 40% são próprias para cultivo. O restante da área é formada por morros cobertos por mata nativa.

A atividade de produção de vinho é tida como complemento da renda familiar e não entendida como atividade principal. A atividade é desenvolvida paralelamente com outras atividades presentes na UPA.

Encontramos entre as variedades de uva cultivadas a bordô sendo aproximadamente 10%, francesa com cerca de 80% e as variedades niágara e champanhe das espécies claras que somam 10% da produção.

Com sua atividade o produtor estima que sua média de produção gira em torno de nove e doze toneladas de uva por safra em uma área de aproximadamente dois hectares. Sendo que na última safra o rendimento alcançou cerca de três mil e quinhentos litros de vinho, onde mais de três mil litros foram de vinho tinto. Mas já alcançou média de aproximadamente quatro mil e quinhentos litros de vinho.

Para melhor compreender o processo de fabricação do vinho artesanal ou colonial podemos entender os processos utilizados para se chegar ao produto final. Inicialmente se parte com a colheita da uva na parreira, passando por um processo de seleção dos grãos, a fermentação e transformação da uva no vinho e finalmente o armazenamento. De um modo mais sucinto basicamente se realiza a vindima, após há uma necessidade de separar os grãos verdes ou podres dos sadios, se esmagam os grãos de uva. O caldo extraído após esmagar a uva, segue misturado com a casca, a semente e o cacho para dentro de um barril que permanecerá por mais ou menos sete dias. Não há adição de qualquer tipo de produto que não seja unicamente uva. Este espaço de tempo servirá para fermentar e proporcionar o tempo necessário para que o mosto, propriamente dito, se separe do resto das impurezas contidas dentro do barril. Logo, após a fermentação, há a necessidade de

se transferir o vinho limpo para outro barril que ficará armazenando o mosto por tempo indeterminado.

O produtor explicou que muita chuva próxima a colheita diminui a quantidade de açúcar na uva, seguido de muito sol facilita o apodrecimento da fruta e também um amadurecimento heterogêneo. Em partes da parreira houve a necessidade de deixar mais alguns dias sem colher para que os frutos amadurecessem adequadamente. Já em outras partes foi visível a quantidade de frutos perdidos por estarem maduros demais ou apresentarem algum tipo de dano.

#### 4.1.2 CARACTERÍSTICAS DISTINTAS DO PRODUTOR B

Da mesma maneira que o produtor A o produtor B faz parte da terceira geração de uma família italiana tradicional. Já se aventurou na indústria quando mais jovem. Mas a experiência o trouxe de volta para a agricultura. Foi produtor de farinha de milho nos anos 80 com moinho artesanal movido á energia hídrica. Hoje pratica atividades agrícolas moderadas por conta de seus 75 anos. Casado, pai de quatro filhos, apenas um permanece na propriedade ajudando nas atividades agrícolas diárias. Possui uma área de 80 hectares sendo que 40% são adequadas para cultivar. Assim como o produtor A há presença de morros com depressões acentuadas e cobertas por mata nativa.

Em sua atividade vinícola o produtor calcula que sua produção varia em torno de dez a treze toneladas de uva por safra em uma área de quase três hectares. Sendo que na última safra o rendimento foi de mil e quinhentos litros de vinho e mais de três mil e trezentos litros de suco de uva. Esta variação se dá exclusivamente por influência do clima.

Dentre as variedades de uva que o produtor trabalha estão a francesa com cerca de 70% da produção, bordô com cerca de 15% e também com as variedades niágara e champanhe das espécies claras que somam 15% da produção.

A partir da antepenúltima safra o produtor decidiu investir na produção de suco de uva, um processo mais industrializado, algo inédito na região. Com o suco pretende abranger a princípio em maior escala consumidores locais e sua clientela já conquistada. Importante destacar como e porque surgiu a idéia depois de décadas

de se diversificar com um novo produto. A explicação do produtor é que o próprio vem aumentando a produção de uva enquanto que a demanda de vinho está diminuindo. E ainda existem clientes que procuravam ou o questionavam porque não produzir suco. Em muitos casos é uma família que visita a propriedade a procura do vinho e normalmente é o homem que consome. Assim, com o suco, teria opção para todos os componentes da família que visitam sua cantina. Com o passar dos anos a idéia foi amadurecendo até que o projeto passou a ser levado em consideração. Atualmente é a segunda safra que se empenha na produção de uva. Num panorama inicial a nova atividade alcançou bons resultados motivando o produtor a procurar mercado para inserir seu produto. A princípio busca possibilidades de se incluir em um programa específico do governo federal.

Com o suco garantiu na safra passada cinco reais a garrafa. Com sua nova atividade o produtor precisou ampliar seus elos comerciais, além de adquirir equipamentos próprios para produção de suco. A maior dificuldade foi encontrada com o vasilhame para armazenagem, pois para a aquisição em fornecedores seria necessário uma quantidade mínima. Quantidade que ultrapassava consideravelmente sua necessidade e seu orçamento. Necessitou também de uma pesquisa de técnicas para a produção, consultando órgãos específicos de apoio. Outro quesito importante e positivo para a UPA do produtor B foi a necessidade de se adequar as exigências das normas sanitárias vigente.

Com a produção do suco natural da uva o processo sofre algumas modificações. Em comparação com o vinho, constata-se que não seria possível obter o suco com equipamentos artesanais. Primeiramente o produtor teve que adquirir equipamento industrial específico assim como os vasilhames para armazenamento. Para o suco, além do mais, é necessário utilização de energia, o gás de cozinha (GLP), para o processamento em duas panelas industriais específicas para a transformação do fruto no suco, tampinhas de garrafa, um aparelho para tampar as garrafas e vasilhame para armazenar o produto.

A transformação do fruto no suco é um procedimento simples, basta cozinhar a uva na panela industrial desenvolvida para liberar apenas o líquido deste processo de cozimento. Este líquido é o suco e é diretamente liberado para a garrafa onde será armazenado. Depois de cheias as garrafas são ligeiramente tampadas, é

este processo que garante a conservação do produto. Na panela, que cozinha a uva, há um dispositivo fazendo com que o líquido caia diretamente dentro da garrafa. Para tampar a garrafa se utiliza um dispositivo que é acionado manualmente fazendo uma pressão considerável sobre a tampa e o bico da garrafa, desta forma manterá o conteúdo da garrafa protegida das ações externas que podem comprometer o suco. O processo de transformação é lento, consegue-se produzir em média treze garrafas em uma hora por panela.

Cabe mencionar que o produtor B, assim como o produtor A, trabalhou na informalidade por anos, mas com suas novas perspectivas precisou legalizar sua cantina. Ciente de que necessita estar regularizado para alcançar seus objetivos com sua nova atividade o produtor B está tomando providências para conseguir trabalhar de modo formal. O produtor obtém instalações ainda rústicas na maior parte construídas a partir de madeira. Seus equipamentos também apresentam a madeira como principal matéria prima onde o aspecto artesanal é bem característico. Estas características desconfigura o padrão exigido pela legislação vigente, onde materiais porosos estariam descartados para o manejo adequado na atividade que desenvolve.

Hoje conta com local encaminhado para ser ideal, conforme as exigências sanitárias e está buscando junto aos órgãos competentes sua legalização. Cabe ressaltar neste quesito a falta de auxílio e de maior presença no local de órgãos de apoio ao novo projeto do produtor B.

#### 4.2 O MERCADO DO VINHO ARTESANAL

Ao longo de décadas a produção de vinho artesanal ficou diversificada com o vinho tinto, produzido com uva da variedade bordô e francesa e o vinho branco, produzido com uva da variedade champanhe e niágara principalmente. O vinho colonial produzido em Caraá possui mercado consolidado há décadas, basicamente formado por uma clientela fiel que simpatiza com o produto colonial.

A comercialização do vinho rende dois reais e cinquenta centavos o litro do vinho tinto e três reais e cinquenta centavos o vinho branco, média local. Esta média se mantém há pelo menos três anos entre a maioria dos produtores. Basicamente a

atividade de produção de vinho de modo geral no contexto caraense é vista como complemento a renda familiar. É desenvolvida em conjunto com outras atividades agrícolas.

O mercado do vinho artesanal teve início primeiramente por consumidores locais e posteriormente por recomendações assim como em outros mercados atualmente mais renomados. O produto passou a ser apreciado por consumidores locais especialmente, como parentes, vizinhos, amigos e conhecidos. Mas também ganhou pequenas proporções regionais, principalmente na região Metropolitana de Porto Alegre e Litorânea do RS. Desde a década de 70 que pode-se afirmar que este mercado está consolidado levando em conta as particularidades existentes. Dentre as particularidades existentes podemos citar a falta de rotulagem, cuidados fitossanitários para garantir a qualidade do produto por um espaço de tempo maior e disponibilidade do produto unicamente na propriedade.

Pelo relato dos agricultores tem-se um vislumbre que o modelo agrícola moderno acabou atingindo de forma negativa o mercado vinícola local pela concorrência dos produtores artesanais locais com os produtos provindos da indústria. O reflexo maior está sendo percebido na comercialização do produto. A venda de todo estoque de vinho há alguns anos era em média de quatro a cinco meses, mais precisamente de abril a agosto. Atualmente este intervalo de tempo aumentou para mais dois meses em média. Percebe-se também uma queda, ainda que pequena, na procura do produto. Dos problemas apontados pelos produtores normalmente estão problemas com a qualidade que a cada ano diminui devido a dificuldades nas questões fito sanitárias das videiras, aumento da concorrência com produtos industrializados, aumento das exigências do mercado que geralmente leva o cliente a procurar produtos novos que tenham procedência. Também citam que a geração mais nova não considera o produto colonial com a mesma idéia apreendida pelo pai ou pelo avô, por exemplo. Ou seja, as questões culturais, por esta lógica, não apresentam o mesmo valor atribuído por gerações mais antigas. Estes fatores pelo entendimento dos agricultores entrevistados acabam balizando a comercialização do produto.

Partindo destes relatos percebe-se que há consciência dos produtores que estar em conformidade com as normas vigentes é um passo importante para ampliar

as fronteiras mercadológicas. Mas por falta de informação ou talvez de maior interesse continuam na informalidade. Entre os principais entraves apresentados pelos produtores é o emprego de capital que não dispõem para adequação de suas cantinas e a incerteza na questão da sucessão familiar.

Apesar dos entraves existentes a produção artesanal é mantida e nitidamente não possuem intenção de cessar. Apenas estão condicionados a comercializar informalmente, restritos à venda direta e geralmente para um público específico que normalmente são as mesmas pessoas que adquirem o produto há anos, ou seja, uma clientela fiel.

#### 4.3 LIMITANTES E PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO DO VINHO ARTESANAL LOCAL

Pelo relato dos produtores fica visível uma gama de dificuldades em torno da cadeia produtiva da uva. De modo geral as dificuldades de cunho interno estão calcadas principalmente partindo pela influência da bagagem cultural deixada e adquirida dos ancestrais. De certa forma esta bagagem cultural pode ser entendida como um potencial na atividade, mas para ser promissora precisa se adaptar às exigências sanitárias e legais vigentes. Mesmo que as perspectivas destes produtores familiares nesta atividade ainda sejam obscuras a determinação por manter esta cultura viva é uma condição coletiva vista entre os produtores caraenses.

Ainda segundo os produtores afirmam que infelizmente no município há uma deficiência presencial dos órgãos como a EMATER, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e até mesmo da administração municipal que incide na perda de eficiência e desenvolvimento da atividade no município.

Basicamente toda a experiência e técnicas em torno da produção de vinho que utilizam atualmente são aprendizagens vivenciadas por volta das décadas de 1970 e 1980. São mais de 30 anos dando continuidade as mesmas técnicas e conhecimentos. Mas podemos destacar a família no contexto local como componente estratégico nos processos históricos que envolvem o ambiente rural. As práticas agrícolas utilizadas pela família é que garantiram a transmissão do saber

fazer que foi sendo repassada de geração em geração através das práticas do cotidiano.

De acordo com Woortmann (1997) a reprodução social da família rural está alicerçada em noções de hierarquia e gênero que refletem diretamente na organização do trabalho e na divisão das tarefas tanto agrícolas como não agrícolas, sendo o trabalho familiar elemento central de uma lógica econômica própria dos produtores rurais.

Mas o cenário agrícola brasileiro, em meio a um período de 30 anos, atravessou por grandes transformações. Utilizando apenas seus conhecimentos e técnicas, não acompanhando as dinâmicas mercadológicas, a informalidade, o individualismo, falta de acompanhamento e políticas distintas provavelmente levou estes agricultores à margem do mercado. Nesta ótica, com as transformações da agricultura brasileira, a partir dos ideais da RV, os produtores rurais perderam o poder de decisão sobre as questões referentes à produção e comercialização do seu produto. Com uma agricultura tecnificada, coube ao agricultor aceitar passivamente o que lhe era oferecido (MIELITZ e MELO, 2008).

Outros elementos indispensáveis nesta discussão de tentar compreender as disparidades da produção artesanal de vinho caraense são as organizações de apoio que podem contribuir para alavancar a cadeia produtiva. Estas instituições, conforme Riva (2009) representam e desempenham um papel crucial por estabelecer, definir e limitar o conjunto de escolhas individuais. Além de estas instituições formarem a estrutura de incentivo da sociedade, têm como finalidade auxiliar a conquista da auto-suficiência e do desenvolvimento da agricultura familiar.

Dentre as organizações presentes localmente podemos destacar a EMATER/RS – ASCAR, com a missão, entre outras, de promover ações de assistência técnica e social e o SENAR, entidade sem fins lucrativos, vinculado a FARSUL e a CNA, que presta ações educacionais que visam o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do trabalhador rural. Mesmo não destacando os motivos estas entidades atuam de forma tímida na região e este reconhecimento por parte dos produtores envolvidos neste trabalho é saliente. Mas como já mencionado não há fatores claros que determinam a ausência das entidades no contexto local.

Naturalmente a atividade vinícola está ganhando destaque e espaço no mercado regional e nacional. Para a situação dos produtores caraenses a falta de organização e especialização podem ser entendidos como os principais fatores que balizam a prospecção da comercialização do produto.

Portanto Woortmann (1997), a partir de Nicoloso (2006), afirma que a geração de capital quando associada a uma valorização dos saberes locais, das características culturais de um determinado grupo, das condições ambientais do espaço onde os mesmos vivem, trabalham e se reproduzem culturalmente, se tornam propícios para a geração do desenvolvimento socioeconômico local. Pode, além do mais, se transformar numa alternativa que firme a geração mais nova no espaço rural garantindo a sucessão, a expansão da atividade possibilitando melhor qualidade de vida aos produtores familiares rurais locais.

## **5 CONCLUSÃO**

No contexto local caraense verifica-se, com base nos materiais teóricos utilizados, que a produção artesanal de vinho apresenta potencial para consolidação de um mercado promissor. Para os produtores que visam ampliar suas fronteiras, obter maior eficiência produtiva e comercial é inevitável observar questões que abrangem a especialização, técnicas empregadas no processo de transformação e exigências legais vigentes. Fundamentalmente que estes aspectos possam ser adaptados conforme as necessidades dos produtores mas sem descaracterizar suas peculiaridades.

Dos fatores externos a adequação às normas vigentes e assistência técnica especializada são atualmente fatores indispensáveis na busca da ampliação da atividade produtiva de vinho artesanal. Nos entraves internos fatores como falta de organização coletiva, cursos de especialização e emprego de técnicas mais modernas para o cultivo da videira, controle fitoterápico e tratamento adequado às videiras também são indispensáveis.

Notou-se que há o reconhecimento destes entraves por parte dos agricultores. Mas este reconhecimento é precoce e necessitará de um médio espaço

de tempo para alcançar resultados significativos dada as condições socioeconômicas dos produtores.

Nestas perspectivas o individualismo e a falta de organizações coletivas reforçam os limitantes encontrados localmente para a produção vinícola. A exploração do conteúdo teórico utilizado neste trabalho normalmente motiva ou recomenda a organização de atores sociais que se identificam através de uma atividade semelhante.

O mercado de vinho está caracterizado pela grande complexidade, entre outros motivos, pela diversidade dos tipos de vinho e da multiplicidade das exigências legais a respeito. A produção de vinho artesanal ou colonial enfrenta atualmente problemas de competitividade no mercado além de apresentar séria fragilidade.

Percebe-se que os produtores artesanais destacados vivenciam uma realidade onde costumes, práticas, atividades e valores estão preservados localmente. Independente das transformações e exigências do mercado atual o fato principal é que alimentam uma expectativa de romper barreiras que limita o progresso, ou a expansão da atividade de produzir vinho artesanalmente. Parte deste anseio é decorrente das exigências legais que os limitam na atividade. De certa forma as exigências fitossanitárias e legais vigentes pressionam os agricultores a mudar sua postura diante das exigências mercadológicas atuais. Tanto que os produtores estão procurando se adequar. Não que a adequação as normas seja o fator determinante que baliza os produtores. Existem outros motivos apontados que também são cruciais no suprimento das necessidades de expandir a atividade. Mas é visível a fragilidade em que a atividade se encontra e também, por outro lado o potencial que a atividade esconde.

O presente trabalho possibilitou uma reflexão acerca da cadeia produtiva da uva no contexto local caraense fornecendo também uma pequena visão na conjuntura mais abrangente. Possibilitou uma reflexão mais detalhada acerca da atividade. O tipo e a forma da atividade praticada ocorrem numa dinâmica tipicamente tradicional.

Em suma a continuidade da atividade nos moldes atuais aponta para uma estagnação sem perspectivas de desenvolvimento. Mas o contexto geral demonstra

que os produtores estão preocupados com a situação, tanto que cogitam a necessidade de rever sua postura diante das transformações mercadológicas que ocorreram nas últimas décadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, R. L. **É Possível Pensar Desenvolvimento da Pequena Produção Agrícola na Conjuntura Atual a Partir de Políticas Essencialmente Agrícolas?** Texto destinado ao XLIII Congresso da SOBER. Ribeirão Preto, Julho de 2005. Disponível em: <[moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?id=38351](http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?id=38351)>. Acesso em 02/06/09

APPIO, F. **Flores Da Cunha e o Vinho Gaúcho.** Arquivo. Edição em 2002, RS. Disponível em: [www.appio.com.br/arquivos/Vinho.pdf](http://www.appio.com.br/arquivos/Vinho.pdf). Acesso em 03/2011

FARIAS, C. V. S. **Formação da Indústria Vitivinícola do RS.** Publicação [s.d.]. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/4-encontro-economia-gaucha/trabalhos/historia-sessao2-2.doc>. Acesso em: 12/2010.

FILIPPI, E. E.; WESZ JUNIOR, W.J.; TRENTIN, I. C. L. **A Importância da Agroindustrialização nas Estratégias de Reprodução das Famílias Rurais.** Anais, congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2006. Fortaleza, CE.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. Disponível em: [www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=94](http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=94) Acesso em 03/2011

LUTZENBERGER, J. A. **O absurdo da agricultura.** Estudos Avançados, vol. 1, n.1. São Paulo: IEA, 2001. p. 61-73.

MELLO, L. M. R. **Vitivinicultura brasileira: panorama 2010.** Publicação. Disponível em: [www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/prodvit2010.pdf](http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/prodvit2010.pdf). Acesso em 03/2011

MELLO, L. M. R. **Tendência de Consumo e Perspectivas do Mercado de Vinhos no Brasil.** Publicação. Disponível em: [www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/tendencia.pdf](http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/tendencia.pdf). Acesso em 02/2011

MELLO, L. M. R. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial – panorama 2010.** Publicação. Disponível em: [www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/mercextvit2010.pdf](http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/mercextvit2010.pdf). Acesso em 03/2011

MENEGUETI, G. A. **Desenvolvimento, Sustentabilidade E Agricultura Familiar.** Texto [s.d.], disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/digital/art18.pdf>. Acesso em 12/2010.

MIELITZ, C; MELO, L. **Políticas Públicas Agrárias e Agrícolas e seus Instrumentos**. Material didático elaborado para o curso PLAGEDER, UFRGS 2009. Disponível em: moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=31659 Acesso em 02/06/09.

OLIVEIRA, D. C. **A quinta maior economia e o mercado vinícola**. Matérias Relacionadas ao Vinho, Publicação, 2010. Disponível em: <http://www.diariodovinho.com/2010/01/quinta-maior-economia-e-o-mercado.html>. Acesso em 01/11

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARAÁ. Disponível em [www.caraa.rs.gov.br](http://www.caraa.rs.gov.br). Acesso em 03/2011

RIVA, P. **Agroindustrialização Familiar: Uma abordagem sobre o desenvolvimento dos produtores familiares rurais**. Trabalho de conclusão de curso. UFRGS, Porto Alegre 2009. Disponível em: [www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25367/000739276.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25367/000739276.pdf?sequence=1). Acesso em 03/2011

ROSA, S. E. S.; SIMÕES, P. M. **Desafios da Vitivinicultura Brasileira**. Artigo, BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 19, p. 67-90, mar. 2004. Disponível em: [www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1904.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1904.pdf) Acesso em 01/2011.

SANTOS, J. V. T; GRANDO, M. Z; BRUMER, A; JALFIM, A. **AGROINDÚSTRIAS E LUTAS SOCIAIS**. Texto. Ensaios FEE, Porto Alegre, 10(2): 266-284, 1989. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/1379/1743>. Acesso em 12/2010

SCHNEIDER. S. **O papel da pluriatividade numa estratégia de desenvolvimento rural**. In: Seminário Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2005. Textos para discussão. Brasília, DF.

SILVEIRA, P. R. C.; SULZBACHER, A. W.; NEUMANN P. S.; BARRIQUELLO, C. J. **A produção artesanal de vinhos na região da Quartacolônia/Rs: (re)criação e transformações do circuito de Produção-distribuição-consumo**. Apresentação oral Agricultura Familiar.[2007?] UFSM, Santa Maria, RS, Brasil. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/6/944.pdf>. Acesso em 01/11

SOUZA, M. C. M; OTANI, M. N; VERDI, A. R. **Valorização da Cultura Italiana e o Consumo de Vinho Artesanal**. Publicação. Informações Econômicas, v.40, n.6, SP jun. 2010. Disponível em: <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/ie/2010/tec5-0610.pdf>. Acesso em: 10/2010.

WANDERLEY; M. N. B. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. Anais, XX encontro anual da ANPOCS. GT 17. Processos sociais agrários. Caxambu, MG. Outubro 1996.

WOORTMANN, Ellen. **O trabalho da Terra: a lógica e a simbologia da lavoura camponesa**: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

## APÊNDICE

### ROTEIRO PARA O ESTUDO DO ESTABELECIMENTO RURAL\*

#### 1-IDENTIFICAÇÃO DO AGRICULTOR

Produtor: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Localidade: \_\_\_\_\_ Dependentes: \_\_\_\_\_

Renda Mensal: \_\_\_\_\_ Recebe benefício da previdência: ( ) Sim ( ) Não

#### 2- QUESTÕES FUNDIÁRIAS

H e c t a r e s							
Superfície		Área de Proteção	Área Total	Área			
Encosta	Baixada			Própria	Em Parceria	De Terceiro	Para Terceiro
Preço da terra em R\$/ha:							

#### 3 - ATIVIDADES DE PRODUÇÃO VITIVÍFERA

Espécie	Superfície ha	Produto Colhido	Rendimento por há	* Preço Médio R\$	Destino da Produção		
					Venda	Consumo /Destino	Semente

#### 4 - A FAMÍLIA RURAL E A MÃO-DE-OBRA

4.1 - Número de pessoas que vivem no estabelecimento Rural:

4.2 - Número de pessoas que trabalham no Estabelecimento Rural:

4.3 - Mão-de-obra Familiar

Grau de Parentesco	Número de Pessoas	Idade	Atividade Executada e Período dedicado a U. P. A .

## 5- AGROINDÚSTRIA FAMILIAR

### 5.1- TRANSFORMAÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Produto	Quantidade	Unidade	* Preço Médio	Observações

6 - HISTÓRIA RECENTE DA UPA (principais etapas, a quanto tempo reside na propriedade, como obteve suas terras)

7 - COMO O AGRICULTOR VÊ A SUA SITUAÇÃO DA ATIVIDADE EM RELAÇÃO A 10 ANOS ATRÁS?

8 - QUAIS OS PROJETOS QUE O AGRICULTOR PENSA EM REALIZAR?

9 - COMO PODERIA AVALIAR O SUPORTE TÉCNICO ESPECIALIZADO PARA A ATIVIDADE?

10 - COMO O AGRICULTOR AVALIA A CONCORRÊNCIA COM O PRODUTO INDUSTRIAL?

11 - COMO O AGRICULTOR ENCHERGA O MERCADO PARA SEU PRODUTO HOJE E QUAIS AS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO?

12 - QUAL A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE PARA O PRODUTOR?

*\*Adaptado de: FERREIRA, J.R.C.; CALCANHOTO, F.A.; FIALHO, M. A.; MIGUEL, L.A. UFRGS - Curso de Pós-Graduação em Economia Rural e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural*